

UMA ANÁLISE DO USO DAS ORAÇÕES RELATIVAS EM TEXTOS PRODUZIDOS POR ALUNOS DE ENSINO MÉDIO

OTAVIO TADEU ALVES PEREIRA¹; PATRICK SILVA DE MATTOS²; CESAR TRINDADE DE OLIVEIRA²; PAULA FERNANDA EICK CARDOSO³

¹UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – pereiraotavioalves@gmail.com

²UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – patrickdemattos87@hotmail.com,
cesaroliveira303@hotmail.com

³UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – paulaeick@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho versará sobre as estratégias de formação das orações relativas empregadas no português brasileiro, vinculando-se, portanto, à área de Linguística. O objetivo deste estudo consiste em identificar o processo preferencialmente usado pelos candidatos ao vestibular da UFPel, com o intuito de fazer um diagnóstico do conhecimento linguístico dos alunos de ensino médio em um contexto de uso monitorado de linguagem. Esse diagnóstico terá repercussões significativas no trabalho com a língua materna, visto que poderá trazer subsídios para o emprego de metodologias de trabalho capazes de aprimorar o conhecimento de linguagem dos estudantes brasileiros. O reconhecimento de diferentes formas de expressão existentes na língua portuguesa e a capacidade de adequá-las a cada contexto comunicativo são habilidades essenciais a um falante proficiente de língua. Além disso, o emprego apropriado das orações relativas revela um domínio sofisticado dos recursos disponíveis na língua.

No português brasileiro (doravante PB), há três estratégias diferentes para formação de orações relativas cujo verbo exija um complemento ou uma locução adverbial regidos por preposição: (a) Relativa Padrão, (b) Relativa Copiadora, (c) Relativa Cortadora. Vejamos a seguir em que consiste cada uma delas.

a) **RELATIVA PADRÃO**: caracteriza-se pela presença de uma preposição antecedendo o pronome relativo. Essa preposição cumpre as exigências de transitividade do verbo a que o pronome se liga com o intuito de lhe complementar o sentido.

(1) O jogador a que me refiro foi punido exemplarmente pela Comissão Disciplinar da FIFA.

Se desmembrássemos o período composto acima em dois períodos simples, teríamos:

(2) (i) O jogador foi punido exemplarmente pela Comissão Disciplinar da FIFA.

(ii) Refiro-me ao jogador.

Quando comparamos o período composto em (1) com os períodos simples em (2), percebemos que o período composto em (1) representa uma forma mais econômica de expressão, visto que evita a repetição de substantivo “jogador”. O pronome relativo “que”, além de retomar uma informação previamente apresentada

na frase, é capaz de desempenhar, dentro da oração relativa, a função sintática desempenhada pela segunda ocorrência de “jogador” em (2). Além disso, a preposição requerida pelo verbo pronominal “referir-se” está presente tanto em (1) quanto em (2ii). Em (1), ela antecede o relativo “que” e, em (2ii), ela antecede o sintagma “o jogador”.

Essa estratégia de formação das orações relativas é a única aceita pelas gramáticas tradicionais, como, por exemplo, podemos encontrar em Cunha & Cintra (2008). Portanto, em qualquer contexto comunicativo, mais ou menos formal, deveríamos falar e escrever frases do seguinte tipo:

- (3) (i) A Comissão Técnica com que os jogadores contam é extremamente capaz.
(ii) Os obstáculos contra os quais os jogadores lutam são muitos.
(iii) O jogador por cuja volta ao time anseio partiu há três semanas.

Nas frases acima, há sempre uma preposição regendo um pronome relativo (“com”, “contra” e “por”). Todas elas exigidas pela transitividade verbal.

b) **RELATIVA COPIADORA:** caracteriza-se pela presença de um pronome cópia na posição de complemento e/ou de locução adverbial. Nessa estrutura, o pronome relativo serve apenas para unir a oração subordinada à oração principal. Ele é incapaz de desempenhar qualquer função sintática, uma vez que esse papel cabe ao pronome cópia. Segundo Collischonn (2003), as relativas copiadoras são construções rejeitadas pelo atual modelo escolar. Observemos as frases abaixo.

- (4) O jogador que eu gosto muito dele atua na seleção colombiana.

Em (4), a função de objeto indireto do verbo “gostar” é desempenhada por “dele” – contração entre o pronome “ele” e a preposição “de”. Embora essa estratégia seja condenada pelas gramáticas tradicionais, ela devolve ao português suas propriedades analíticas, as quais não são identificadas na estratégia padrão, que é extremamente sintética.

Na estratégia padrão, o pronome relativo desempenha três funções: (a) une a oração subordinada à principal; (b) retoma uma informação previamente mencionada dentro da frase – o antecedente; (c) desempenha uma função sintática dentro da oração subordinada; por isso, a relativa padrão é um corpo estranho no PB. Para eliminar essa estranheza, os falantes recorrem ao processo de análise identificado em (4). Nessa frase, como já vimos, há uma divisão das funções. O mesmo ocorre, por exemplo, em (5).

- (5) Neymar é um jogador que ele acabou sofrendo uma lesão muscular.

Na frase acima, também ocorre a separação das diversas partes constituintes de um todo, o que caracteriza a análise. O relativo não acumula funções, pois novamente ele serve apenas para unir a oração subordinada à principal. O elemento que atua como sujeito é o pronome “ele”.

c) **RELATIVA CORTADORA:** caracteriza-se pelo apagamento da preposição exigida pelo verbo, como pode ser observado na frase abaixo.

- (6) Esse é o jogador que o time inteiro confia.

Se desmembrássemos o período composto acima, obteríamos os dois seguintes períodos simples.

(7) (i) Esse é o jogador.

(ii) O time inteiro confia no jogador.

A presença da preposição “em” é obrigatória entre o complemento “jogador” e o verbo “confiar”; por isso, temos a forma “no” – contração entre a preposição “em” e o artigo “o”. Essa preposição, entretanto, não é identificada na oração relativa em (6).

Segundo Bagno (2002), a relativa cortadora é a estratégia preferida pelos brasileiros, e a motivação é de natureza sociolinguística. Para não parecer pedante ao utilizar a estratégia padrão nem pouco instruído ao empregar a relativa copiadora, a qual está associada às modalidades de linguagem usadas pela população com baixo nível de escolaridade, os brasileiros optam pela relativa cortadora.

Há também uma motivação de natureza sintática para o emprego da relativa cortadora: o ouvinte ou o leitor é capaz de reconhecer a preposição que foi apagada, pois leva em consideração seu conhecimento de linguagem para produzir e compreender frases produzidas em sua língua materna. Ele sabe que “quem confia, confia **em** alguém”; por isso a preposição é apagada na construção da relativa.

O presente trabalho pretende, portanto, identificar a(s) estratégia(s) empregada(s) pelos candidatos ao vestibular da UFPel para formação das orações relativas em que apareçam verbos transitivos indiretos ou verbos transitivos diretos e indiretos, os quais exigem um complemento regido por preposição, com o intuito de procurar explicitar o conhecimento linguístico dos estudantes brasileiros de ensino médio. Esse estudo repercutirá certamente no trabalho com a língua materna, pois poderá permitir o emprego de metodologias capazes de ampliar a capacidade de expressão linguística e de compreensão textual desses alunos.

2. METODOLOGIA

O trabalho baseia-se na análise de redações produzidas por candidatos ao vestibular de verão/2007 da UFPel. Após a leitura dos textos, procuramos localizar as orações relativas construídas pelos candidatos. Em seguida, selecionamos aquelas em que aparecem ou em que deveriam aparecer pronomes relativos regidos por uma preposição, com o intuito de identificar as estratégias empregadas pelos candidatos e o percentual de uso de cada uma delas.

Esse tipo de análise toma por base os trabalhos previamente realizados por Bagno (2002), Collischonn (2003), Badaracco (2014) e Cunha & Cintra (2008).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o presente momento, já analisamos cinquenta redações, o que revelou resultados interessantes, os quais começam a ser quantificados. De maneira preliminar, percebemos que, apesar de pelo menos doze anos de ensino formal nas

escolas brasileiras, parte dos candidatos cujos textos foram analisados procura evitar as construções relativas, produzindo redações com nível de complexidade sintática raso. Parece haver uma preferência por estruturas coordenadas, as quais tendem a indicar, inclusive, pouca reflexão sobre o assunto proposto para a dissertação, pois o candidato apenas lista ideias, sem estabelecer as devidas relações entre elas. Collischonn (2003) corrobora essa afirmação quando diz que o aluno parece poupar-se do uso dessas estratégias de relativização a fim de evitar o emprego equivocado dessas construções ou mesmo pela ausência de conhecimento dessas estruturas sintáticas.

Por outro lado, identificamos, em certas dissertações, o emprego apropriado do relativo com a preposição exigida pelo verbo, o que parece indicar a sobrevivência dessa estrutura na linguagem escrita dos estudantes brasileiros e a necessidade de emprego de uma metodologia de trabalho capaz de ampliar o conhecimento de linguagem dos alunos de ensino médio. Observemos, a título de exemplo, as frases abaixo retiradas dos textos analisados.

(8) “Esses alunos fecham-se em seus mundos, normalmente sem dividir com seus pais, os problemas **por que** passam na escola...”

(9) “os casos mais preocupantes são os que envolvem atos de violência, **nos quais** vítimas sofrem ameaças”

(10) “...teve algum apelido **do qual** não gostava?”

(11) “Se analisarmos os casos graves de violência de alunos nas escolas, **em que** crianças vão armadas para a escola...”

4. CONCLUSÕES

O presente trabalho demonstra a necessidade de uma análise cuidadosa dos recursos linguísticos empregados pelos estudantes brasileiros com o intuito de explicitar as propriedades da linguagem que utilizam e de buscar metodologias capazes de aprimorar essa linguagem, permitindo uma comunicação mais eficiente.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. **Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa**. São Paulo: Parábola, 2002.

COLLISCHONN, Gisela. **O uso de construções relativas em textos dissertativos do CV/2003: algumas reflexões**. In Redação Instrumental. Porto Alegre: UFRGS-COPERSE, 2003.

BADARACCO, Lucas Mario Dacuña. **A Análise da relativização em uma variedade culta do português brasileiro escrito**. Pelotas: UFPEl, 2014.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.